

9-Entrecruzamento do tempo

Sobre o conceito da história, como foi dito, é um dos últimos ensaios de Benjamin, e teria sido escrito para ser uma espécie de introdução teórica às *Passagens*¹⁸⁰, constituído por 18 teses¹⁸¹ e 2 apêndices; este ensaio pode ser tomado como a síntese de todo seu pensamento¹⁸². Nestas teses Benjamin toma emprestado o termo materialismo histórico de Marx, sem, contudo, pretender trazer para seu pensamento o rigor da teoria marxista, seu interesse na referência está antes em evocar o elemento crítico e revolucionário da mesma. O historiador materialista, que Benjamin forja em suas teses, se aproxima mais da estética proustiana, pois em seu método o materialismo histórico apresenta, tal como Proust:

“A mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma os dois: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobirmos, inscrita nas linhas do atual”¹⁸³

Na figura do materialista histórico, Benjamin imprime seu interesse em pensar o tempo em que passado e presente se entrecruzam, desta forma o materialista histórico tem a tarefa de lutar contra toda uma corrente de ideias que entende o presente como o resultado previsível de um desenvolvimento necessário. Nesta corrente se associa a história progressista, para a qual os fatos seguiriam um desenvolvimento em direção a um objetivo último, ou, na mesma linha, o historicismo, que compreende cada fato histórico sem relacioná-los com o

¹⁸⁰ “(...) ainda outro ensaio, precioso e póstumo, ligado ao complexo do Trabalho sobre as Passagens; trata-se das teses Sobre o conceito de História, texto que deveria constituir-se numa espécie de introdução teórica à obra”. GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin: Os cacos da história*, p.13

¹⁸¹ Kátia entende que chamar estes fragmentos de teses é um equívoco, pois se suporia a afirmação de apresentar a reflexão pela forma, método de tese, ou seja, lógico e discursivo. O que não acontece nas “teses”. Nelas encontramos uma profusão de imagens e fragmentos. 231

¹⁸² GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In *Obras completas*, p. 16.

¹⁸³ GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In *Obras completas*, p. 16.

contexto. Nas duas escritas da história, Benjamin vê a mesma concepção de tempo homogêneo e vazio¹⁸⁴.

Benjamin entende que essa escrita tradicional dos acontecimentos “contenta-se em estabelecer um laço causal entre os diversos momentos da história”¹⁸⁵, em que cada instante é fixado em seu lugar cronológico e necessariamente passa a se ligar aos seus antecessores e sucessores, de tal forma que o tempo representa uma gaveta vazia que é preenchida pelos arquivos dos fatos, todos muito bem ordenados pelas etiquetas de data e hora. Nesta concepção de história negligencia-se qualquer possibilidade de relação entre os fatos que estão desligados cronologicamente. Eles são incomunicáveis, pois reduzidos às suas etiquetas não lhes resta nada de especial que os comunique, os fatos são todos homogêneos de tal forma que um não fornece ao outro conteúdo que possibilite o surgimento de novas interpretações; nesta gaveta estreita não há espaço para interpretações.

A história, a partir da compreensão historicista tradicional, é construída em um “tempo homogêneo e vazio”¹⁸⁶, ou como nos diz Gagnebin um “tempo indiferente e infinito que corre, sempre igual a si mesmo”¹⁸⁷. No curso deste tempo são focalizadas, em detrimento de todo o resto, apenas as características comuns e causais dos acontecimentos, neste procedimento os fatos são ordenados em uma sequência ininterrupta que confere à história a impressão de desenvolver-se em um fluxo contínuo. Cada fato que eclode no “tempo homogêneo e vazio”, já nasce com a certeza de seu exato lugar na história. Assim todos os instantes possuem em si mesmos a vocação para se tornarem fato histórico, pois, para tanto, basta que façam parte de um presente póstumo. Vista desta forma, a história não significaria mais do que uma coleção de restos empoeirados de tudo que passou, ou seja, um acúmulo de elementos que só possuem em comum a sequência das datas.

Neste sentido, Benjamin entende que o modo de proceder do historicismo é aditivo, “utiliza a massa de fatos para encher o tempo homogêneo e vazio.”¹⁸⁸

¹⁸⁴ GAGNEBIN, Jeanne. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 96

¹⁸⁵ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. *Obras Escolhidas*, p. 231.

¹⁸⁶ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. *Obras Escolhidas*, p. 229.

¹⁸⁷ GAGNEBIN, Jeanne. *História e Narração em Walter Benjamin*, p. 96.

¹⁸⁸ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. *Obras Escolhidas*, p.231.

Cabe ressaltar que a cada vez que a soma de fatos cumpre a tarefa de encher o tempo, estes fatos são cristalizados em suas posições. De tal forma que, para o historicismo, cada ano que finda se apresenta como se fosse um vaso preenchido até a borda, o qual é hermeticamente fechado e posto de lado, para que o mesmo trabalho seja recomeçado no novo ano, o qual surge como um recipiente vazio. Assim, caso se deseje conhecer uma dada época é necessário que se tome uma distância do vaso que se ocupa de preencher -ou seja, o tempo em que se está inserido- e que se ignore todos os vasos que compõem o espaço até a época visada. O historiador tradicional em sua pesquisa teria a intenção de ressuscitar a época visada, e para isso precisaria esquecer tudo que sabe sobre as fases posteriores da história¹⁸⁹, pois, só assim poder-se-á enxergar puramente o passado, “digo puramente, isto é, sem misturar a esse olhar retrospectivo tudo o que aconteceu no intervalo.”¹⁹⁰

Contudo, como Benjamin assevera: “(...) a pureza do olhar não só é difícil, mas também impossível de ser alcançada”¹⁹¹. Uma vez que não existe um passado puro, pois tudo o que chamamos de passado não é mais do que a nossa própria leitura do tempo, e está empregada de nossas projeções.

“Aquilo que julgamos comum entre o passado e o presente, e que apressadamente designamos como a verdade do passado, é quase sempre apenas uma projeção de nós mesmos, ilusão sedutora para um reencontrarmos-nos até mesmo no outro, em vez de reconhecê-lo em sua irreduzível diferença¹⁹²”.

Desta forma, o passado não encerra em suas entranhas uma verdade única, a qual, para alcançá-la, precisaríamos empreender uma viagem no tempo, reviver exatamente o que nossos antepassados viveram. Não há uma pretensa verdade fixa e eterna que estaria guardada em uma dimensão de difícil alcance, a qual só nos caberia engendrar seu resgate, para enfim nos apossarmos dela. Ao contrário, toda verdade se constrói na relação do instante, não há nada previamente arranjado, tudo ganha sentido no esforço de interpretação da relação entre os

¹⁸⁹ “recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre fases posteriores da história. Impossível caracterizar melhor o método com o qual rompeu o materialismo histórico.” BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *Obras Escolhidas*, p.225

¹⁹⁰ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. p. 512, seção N 7,5.

¹⁹¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. p. 512, seção N 7,5.

¹⁹² GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin: Os cacos da história*, p. 45

tempos. Compreender a história é agrupar momentaneamente a dispersão das ideias como uma constelação, e a partir desse agrupamento se cria sentido, não o contrário, não é necessário haver um sentido a priori para que se possa compreender a história. Por isso Benjamin nos diz que “(...) a verdade é ligada a um núcleo temporal que se encontra simultaneamente no que é conhecido e naquele que conhece.”¹⁹³

Na compreensão historicista, o tempo escorre como um líquido homogêneo que se estagna em poças de passado, e, submersa nestas poças, pode-se encontrar a verdade em si mesma. Nesta concepção de história, Benjamin identifica um desrespeito, uma falta de discernimento ao que é estranho, diferente, ou seja, a qualquer singularidade do outro. A singularidade é preterida em favor de uma verdade científica, e a certeza do historiador tradicional de que seu interesse é unicamente científico, leva-o a negligenciar a influência do seu próprio presente na análise. A falta de reflexão crítica e a concepção acumulativa resultam no conformismo da historiografia, pois não haveria um questionamento das verdades até então transmitidas, não se procuraria para elas novas linhas de interpretação. Assim o historicista, pela justificativa de existir maior conteúdo e documentos nos quais debruçar sua pesquisa, acaba se identificando com o vencedor¹⁹⁴, com as versões da história transmitidas, o que o aproxima do risco de incorrer na barbárie negativa¹⁹⁵.

Em contraposição a esta visão tradicional de história, que parece atear uma enigmática busca pelo absoluto, posiciona-se o materialismo histórico, o qual defende uma leitura da história que “repousa num princípio construtivo”¹⁹⁶. A teoria construtivista é diferente da história pragmática, cumulativa e continuísta, trata-se de uma percepção histórica que passa por uma construção no tempo, essa teoria não é construída na abstração do conceito, mas é feita pela rememoração; não a rememoração que mostra o passado como foi, mas sim em uma perspectiva a partir da necessidade do presente. A teoria construtivista assevera não haver uma verdade fixa a ser buscada, mas sim, verdades a serem criadas a partir do processo

¹⁹³ BENJAMIN, Walter. *Passagens* p.505 seção N3, 2.

¹⁹⁴ (...) se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor (...) A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores.”BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. Obras escolhidas, p. 225

¹⁹⁵ BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In.Obras escolhidas p. 116

¹⁹⁶ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. Obras escolhidas, p.231.

de interpretação no entrecruzamento entre presente e passado. Esta tese é proposta não sem suscitar uma ruptura no discurso tradicional, pois, segundo Benjamin a visão histórica é submetida a uma “revolução copernicana”, acerca da qual ele elucida:

“A revolução copernicana na visão histórica é a seguinte: considerava-se como o ponto fixo ‘o ocorrido’ e conferia-se ao presente o esforço de se aproximar, tateante, do conhecimento desse ponto fixo. Agora esta revelação deve ser invertida, e o ocorrido, tornar-se a reviravolta dialética, o irromper da consciência desperta. (...) os fatos tornam-se algo que acaba de nos tocar, e fixá-los é tarefa da recordação.¹⁹⁷

Desta citação nos chama bastante a atenção como o gesto do “irromper da consciência desperta” ecoa na chamada de Benjamin para assunção da pobreza, no texto “Experiência e Pobreza”. Em ambos os casos o autor incita a abdicar do esforço de recuperar os postulados do passado, ou seja, desse passado que embota a consciência com sua repetição maquinal. Contudo, ele deixa bem claro que não se trata de esquecer o passado, e aí está a riqueza de seu pensamento; se por um lado prescreve que se abandone o peso da tradição, por outro aponta para a construção de uma nova relação com este passado.

Esse abandono e resgate do passado é possível, pois, de acordo com a visão histórica que esta revolução copernicana propõe, não há um passado fechado em sua data, cujo sentido já teria sido inteiramente esgotado; ao revés, há um permanente encontro entre os tempos em que o passado e o presente se tocam. Esse entrecruzamento ocorre, semelhante ao modo como Proust descreve o episódio da *madeleine*, quando o presente topa com alguma situação que ressoa em um fato pretérito, o qual na época de seu acontecimento passou despercebido, mas que agora, tendo sido rememorado pela memória involuntária, se enche de sentido e traz amplos esclarecimentos ao presente, pois transpõe o limite da memória voluntária, transpõe a percepção própria da vivência e inaugura uma experiência, uma percepção do presente que se desdobra no tempo. Assim, entendemos que o materialismo histórico de Benjamin se funda no interesse de pensar a história fora do viés da vivência, ou seja, fora de uma percepção do tempo que seja niveladora e linear. Nesse sentido se faz necessário destacar que a

¹⁹⁷ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p. 434, seção K1,2.

rememoração representa um movimento fundamental à elaboração da história, pois conforme já observa Benjamin:

“A história não é apenas uma ciência, mas igualmente uma forma de rememoração. O que a ciência ‘estabeleceu’, pode ser modificado pela rememoração”.¹⁹⁸

A história está, pela rememoração, passível de modificações, o que não poderia se apresentar de outra forma, pois não pecaremos se dissermos que a história é, sob certo aspecto, uma memória coletiva. A história se forma pela conjunção da memória involuntária dos indivíduos, e assim se formam as identidades e as singularidades de quem participa dessa história, pois a memória voluntária da história é puramente objetiva.

O passado não paira em uma dimensão onde existiria em si mesmo, é justamente em nossa memória que ele habita. Porém, tomemos o cuidado de não adotarmos a memória como nada mais que um sinônimo de história, elas não são diferentes nomes para a mesma coisa. Enquanto a história se compõe de tudo aquilo que já foi dito acerca do passado, por outro lado, a memória possui uma natureza dupla, que compreende tanto o que já foi dito e exposto, como também aquilo que se oculta nas dobras do esquecimento, razão que leva Proust a engendrar dois conceitos de memória, memória involuntária e voluntária. Assim as dobras do esquecimento da memória involuntária, podem se apresentar da seguinte forma: Um fato que decorreu sem representar grande importância e que fora esquecido, mas, mediante determinada conjuntura, vem ecoar no agora e iluminar tanto presente quanto passado. Este ocorrido que foi exposto à força da rememoração, dantes, ainda que estivesse contido na memória, se recolhia na latência do esquecimento e talvez se não tivesse sido solicitado pelo presente permaneceria velado.

Aqui pode parecer que depende de certo acaso para que o entrecruzamento do tempo se opere, principalmente depois de discorrermos acerca de Proust, pois para este parece decisiva a necessidade do acaso para que o passado seja resgatado no presente, uma vez que sua memória involuntária é encontrada pelo acaso de

¹⁹⁸ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p.513 seção N 8,1.

uma tarde fria com chá e bolinhos¹⁹⁹. Porém Benjamin está inteiramente em desacordo que o encontro do presente com o passado seja delegado ao acaso²⁰⁰.

Se, conforme diz Benjamin²⁰¹, as chances dos fatos exteriores se integrarem à nossa experiência reduziram-se, ou seja, se em nossa memória não entram em conjunção certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo²⁰², fazendo com que o passado transmitido faça sentido no presente, então se faz necessário que se crie de modo artificial essa experiência²⁰³.

Criar artificialmente a experiência sugere que se mantenha atento, à espreita, e não se deixe seduzir aos apelos da obstinação da intenção que tenta seduzir a percepção a se entregar ao hábito. Produzir artificialmente a experiência implica em suscitar um choque na associação habitual que se limita a perceber apenas as generalidades, e assim descolar o núcleo do passado de um invólucro de imagens pré-fabricadas. É o exercício de uma atenção que se confronta com o esquecimento, que se esforça para escutar além do senso comum, realizando uma ruptura capaz de abrir novos olhares e conexões de ideias, e a possibilidade de novas elaborações para a história. O materialista histórico deve proceder em seu trabalho tal como Benjamin diz ter escrito as *Passagens*:

“Como esse trabalho foi escrito: degrau por degrau, à medida que o *acaso* (grifo nosso) oferecia um estreito ponto de apoio, e sempre como alguém que escala alturas perigosas (...)”²⁰⁴

É de se notar, com base nessa citação, que Benjamin entende que esse acaso que oferece as arestas para apoiar sua interpretação deve ser perseguido; identificamos claramente uma postura ativa para com o acaso, é necessário buscá-lo, identificar na fluidez lisa do discurso tradicional “os lugares nos quais a

¹⁹⁹ Contudo é questionável esse acaso imputado a Proust, acerca dessa discussão ver GAGNEBIN, Jeanne. O rumor das distâncias atravessadas. In. *Lembra escrever esquecer*, p. 145.

²⁰⁰ “Segundo Proust, fica por conta do acaso, se cada indivíduo adquire ou não uma imagem de si mesmo, e se pode ou não se apossar de sua própria experiência. Não é de modo algum evidente este depender do acaso” BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 106.

²⁰¹ BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 106

²⁰² “Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.” BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 107

²⁰³ “reproduzindo artificialmente, sob as condições sociais atuais, a experiência (...)” BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 105

²⁰⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p. 502, seção N2,4.

transmissão se interrompe e, com isso, suas asperezas e suas arestas que oferecem uma escora àquele que quer ir além”²⁰⁵. A tarefa da crítica materialista é justamente ir além da tradição dos vencedores, revelar os possíveis esquecidos, mostrar que o passado comportava outros futuros além deste que ocorreu. Trata-se de salvar do esquecimento aquilo que teria feito de nossa história uma outra história. A empresa crítica do materialista histórico converge na luta para tirar do silêncio um passado que a história oficial não conta. Nesse sentido ele penteia a história a contrapelo²⁰⁶, à medida que dispõe de uma concepção anti-historicista que desvia da linearidade progressiva.

Lançar-se da história silenciada dos vencidos demanda a aquisição de uma memória que não consta nos livros e nos documentos oficiais, por isso a rememoração representa um movimento fundamental à elaboração da história. O passado, a partir da rememoração, é interpretado e construído no presente e o presente, por sua vez, se revela como presente numa conjunção particular com um passado, que o invade e o imobiliza. Assim, tanto passado como presente são elaborados por este processo de rememoração.

“Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado: mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a *dialética na imobilidade*. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética-não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta”.(grifo nosso)²⁰⁷

No encontro entre passado e presente, diferentes fatos se costumam e mediante esta união são atribuídos aos fatos perspectivas de interpretação, eles deixam de ser apenas pontos isolados no céu da memória que em si mesmos nada representam e passam a formar uma constelação repleta de significados e sentidos. Como diz Benjamin, o homem é este capaz de perceber as semelhanças²⁰⁸, ou seja, ele é capaz de relacionar as coisas e interpretá-las. As semelhanças entre as coisas não podem ser fixadas, são percepções que perpassam os entes e se

²⁰⁵ BENJAMIN, Walter. Apud Gagnebin, In. História e narração em Walter Benjamin, p. 100.

²⁰⁶ “Considera sua (do materialista histórico) tarefa escovar a história a contrapelo” BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. Obras escolhidas, p. 225.

²⁰⁷ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p.504 seção 2a,3.

²⁰⁸ BENJAMIN, Walter. *A doutrina das semelhanças* In Obras escolhidas, p. 108.

vinculam a uma dimensão temporal²⁰⁹, criando novas formas de se relacionar com a história; de igual maneira as semelhanças não devem ser reduzidas a uma igualdade, pois só há semelhança onde há diferença. De tal forma que a combinação de uma semelhança com outra é inesgotável, há um entrecruzamento de sentidos que não se fixa em uma interpretação única e, assim, estabelecer semelhanças é uma tarefa muito importante para dimensão histórica, pois ler a história implica em perceber as semelhanças entre o passado e as questões do presente.

Nessa junção de semelhança não se pretende instalar uma síntese entre os fatos costurados, por isso Benjamin chama a imagem do encontro entre passado e presente de “dialética na imobilidade”, uma dialética parada que mantém os extremos, de forma que ela salva os fenômenos sem os diluir em uma universalidade abstrata, ou seja, compreende o fenômeno em sua contingência sem tentar encaixá-lo em uma lógica de causa e efeito predeterminada e sempre igual. E como não enquadra os fenômenos em uma leitura fechada, o olhar dialético do materialista histórico precisa ser a cada vez refeito.

“A especificidade da experiência dialética consiste em dissipar a aparência do sempre-igual- e mesmo da repetição- na história. (...) A imagem dialética é uma imagem que lampeja. É assim, como uma imagem que lampeja no agora da cognoscibilidade, que deve ser captado o ocorrido. A salvação que se realiza deste modo -somente deste modo- não pode se realizar senão naquilo que estará irremediavelmente perdido no instante seguinte.”²¹⁰

É de fundamental importância entendermos que é só na “relação do ocorrido com o agora” que a verdade do tempo é elaborada; se por um lado ela não é a síntese de passado e presente, ou seja, a verdade não é o resultado da unidade do tempo, de outra forma ela também já não existia antes da relação entre os tempos, pois o entrecruzamento entre o passado e o presente não marca um encontro entre duas coisas distintas que antes de se encontrarem já existiam por si mesmas. Tanto passado quanto o presente só se tornam legíveis nesse encontro.

²⁰⁹ BENJAMIN, Walter. *A doutrina das semelhanças* In Obras escolhidas, p. 110.

²¹⁰ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p. 515, N 9,5 e N 9,7

“O índice histórico das imagens diz, pois, não que apenas que elas pertencem a uma determinada época, mas, sobretudo, que elas só tornaram legíveis numa determinada época.”²¹¹

O presente não se desenvolve como um momento isolado que por pura curiosidade se lança ao tempo arcaico do passado, do contrário, tanto o fato anterior quanto o fato atual são construídos neste encontro, nele o passado é reinterpretado e o presente se transforma.

Ao recordarmos o passado, retiramos-no da linearidade do tempo homogêneo e igual, e então tudo aquilo que lhe fora silenciado, no agora, ganha voz e ele denuncia os mitos e arquétipos que tomados como verdade única paralisaram-no e lhe calaram tudo que apresentava de diferença e criação. Ao ouvirmos o desabafo do passado, olhamos para nós mesmos e damos conta que também temos nossos mitos que, da mesma forma, nos mantêm adormecidos na linearidade do tempo. Assim o cruzamento entre os tempos suscita uma explosão que rompe com esta estrutura linear e nos faz despertar do sonho mítico e desfigurar os arquétipos.

Benjamin ao se empenhar em dizer que o encontro dos tempos se dá num “lampejo”, num “salto”, nos faz pensar que a linha cronológica que o continuum da história segue está permeada de rupturas. Isso porque os acontecimentos que foram esquecidos estão no aguardo de um presente que os lance à uma assunção e, na chegada deste, o passado silenciado no esquecimento salta o continuum da história e lampeja seu apelo ao agora. É certo que este apelo pode simplesmente ser ignorado, conservando assim presente e passado em seu lugar na linearidade cronológica do tempo, ou então, algo transformador pode acontecer.

Quando a recordação do passado que salta no presente não é ignorada, se força uma passagem na brecha criada pela ruptura. Criam-se, na linha reta da história, meandros, desvios que a retiram de seu direcionamento a um pretensão progresso, isto é, de uma infinita e automática marcha “através de um tempo homogêneo e vazio”²¹². A história deixa de ser uma linha reta que aponta para um

²¹¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p.505, seção N 3,1.

²¹² “A ideia de um progresso da espécie humana através da história é inseparável da sua marcha através de um tempo homogêneo e vazio”. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In. *Obras Escolhidas*, p. 229.

“lendário fim”²¹³. Contudo, esta interrupção na linha da história não representa um desvio que emperra o passo do progresso, pois Benjamin compreende esta noção sob outras bases, segundo ele:

O progresso não se situa na continuidade do curso do tempo e sim em suas interferências, onde algo verdadeiramente novo se faz sentir pela primeira vez, com a sobriedade do amanhecer.²¹⁴

Este algo que “se faz sentir pela primeira vez” se refere às interpretações que se abrem, às constelações que se traçam no entrecruzamento do tempo. O “verdadeiramente novo” não é nenhum excepcional estrangeiro oriundo de países longínquos, mas, ao revés, é algo muito mais próximo que habita nossa memória. Destarte, a busca deste novo se dá pelo entrecruzamento de passado e presente.

(...) a recordação faz-nos respirar de repente um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado, o ar mais puro que os poetas tentaram em vão fazer reinar no Paraíso, e que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado, pois os verdadeiros paraísos são os que perdemos.²¹⁵

A figura do materialista histórico representa na filosofia de Benjamin a messiânica tarefa de resgatar os paraísos perdidos, e assim livrar o presente do peso das vozes emudecidas, e nessa empreitada ele liberta o presente da inveja à felicidade perdida no passado, pois este passado encoberto corroí o presente de nostalgia pelo que não foi e pela felicidade que não se deu.

“(...) nossa imagem de felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído”²¹⁶

A força messiânica dessa tarefa que resgata o tempo perdido deve ser diferenciada de uma fixação melancólica com o passado, de uma lamúria pela promessa de felicidade não cumprida. Essa fixação com o passado paralisa e, de forma alguma rompe com a repetição, do contrário a preserva, como um recalque

²¹³ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. p. 520 seção N 13,1.

²¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p. 516, seção n9a,7.

²¹⁵ PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*, p.152.

²¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Obras completas, p. 222.

que não foi elaborado e permanece se repetindo, uma repetição que não é idêntica, mas de natureza semelhante e ocasiona uma sucessão de violências e de traumas tal qual a observada pelo anjo da história de Benjamin.

“Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele (o anjo da história) vê uma catástrofe única, que se acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”²¹⁷

A lembrança que se lança ao passado pelo viés da identificação com os vencidos e os fracassos da história se dedica a engrossar o coro da queixa e da acusação, não trabalha em favor da ruptura da repetição, mas em favor de sua manutenção. Para que a ruptura aconteça é necessário sair do ciclo vicioso da culpabilidade, pois nessa dinâmica o culpado nega e justifica sua culpa e o acusador recrimina e se vitima, mas ambos negligenciam o presente e permitem que outros males se repitam. O materialista histórico impõe não esse queixume que se fixa no culto ao passado e se comiserava com suas dores, acabando assim por se enterrar nesse tempo. É necessária outra visão do passado, que reconheça suas dores, mas não as repita no presente, uma visão que se libere da influência silenciosa do passado e desfaça os recalques que constroem o presente, pois não se trata somente de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente, é a retomada reflexiva do passado que o retira da repetição e ousa esboçar uma outra história, inventar o presente.

O materialista histórico porta o luto de um passado harmonioso, mas perdido e ao mesmo tempo ele destrói tudo o que poderia ainda dar a ilusão de harmonia numa sociedade moderna fragmentada e assentada nas leis do tecnicismo. O seu luto não é melancólico, não se mantém identificado com o passado, é o luto de quem elabora a sua perda e se desvencilha dela, não se trata de ignorar o que se perdeu, mas ser capaz de criar algo a partir da perda, ser capaz de uma “liberdade histórica”²¹⁸ que se lembra do sofrimento do passado, sem negá-lo, nem amenizá-lo, mas também não faz do passado fardo inexorável. Assim, se o materialista histórico busca recuperar os paraísos perdidos é para que eles não ocupem mais os ombros do presente com o peso do que não foi, é para

²¹⁷ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Obras completas, p.226.

²¹⁸ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 104.

que deixem de ser a inveja pela felicidade não concretizada, e se tornem experiência presente. Assim, o gesto de voltar-se ao passado compreende tanto um movimento de lembrar, quanto de esquecer. Ou seja, o materialista histórico recupera os paraísos perdidos para poder esquecê-los. Não se trata de viver no paraíso, mas de cessar sua influência silenciosa, despojar-se do peso de sua herança, elaborar o passado para poder esquecê-lo, e assim criar felicidade no presente.

Acerca desse esquecimento positivo, que não é um recalque do passado que mantém sua influência oculta, mas sim um despojar de seu peso, trazemos um belíssimo fragmento de Benjamin que o bem elucida

A criança está doente. A mãe a leva para a cama e senta-se junto a ela. E então começa a lhe contar histórias. Como se entende isso? Eu o pressentia, quando N. me falava do singular poder de cura que havia nas mãos de sua mulher. Mas ele dizia dessas mãos: “Seus movimentos eram altamente expressivos. Mas não se poderia descrever a sua expressão... Era como se ela contasse uma história.” A cura por meio da narração nós já conhecemos, a partir das fórmulas mágicas de Merseburg. [...] Também se sabe como a narração que o doente faz ao médico no princípio do tratamento pode transformar-se no início de um processo de cura. [...] Se pensamos a dor como uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que ela romperá onde a inclinação tornar-se suficientemente forte para levar tudo aquilo que a corrente encontra nesse caminho ao mar do feliz esquecimento. O acariciar desenha um leito para essa corrente.²¹⁹

O materialista histórico, visto à luz dessa passagem, é este capaz de engendrar a cura por meio da narração, sem atribuir um sentido fechado para o passado, ele regata as dores e as conduz então para o mar do feliz esquecimento. O ato de narrar, que é inicialmente um trabalho da memória, revela então o seu fim último: o esquecimento.

²¹⁹ BENJAMIN, Walter. Conto e cura. In. Obras escolhidas vol II, p. 269.